A PANDEMIA E O MERCADO DE TRABALHO FEMININO NO AGRO

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2]

A pandemia de COVID-19 impactou de maneira diferente a participação das mulheres nos mercados de trabalho da agropecuária e da agroindústria: no primeiro, a participação feminina ocupada cresceu, enquanto a masculina contraiu; e, no segundo, a perda de postos de trabalho pelas mulheres foi mais intensa do que entre os homens.

DE ACORDO com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o País vinha se recuperando de um período longo de desaquecimento em termos de população ocupada (2013 a 2017). No entanto, com a chegada do novo coronavírus, a trajetória de retomada mudou novamente e passou a se contrair, notadamente a partir do segundo trimestre de 2020, e se manteve nessa tendência até, pelo menos, o início deste ano (considerando a variação acumulada em quatro trimestres).

Fica evidente, além disso, que o impacto da pandemia sobre o mercado de trabalho foi mais intenso entre as mulheres. Entre meados de 2017 e o início de 2020, o número de postos de trabalho ocupados por mulheres vinha crescendo mais do que o daqueles ocupados por homens. No entanto, isso se alterou com a pandemia: ambos passaram a contrair, porém a queda das vagas femininas foi em maior intensidade do que a das masculinas.

A agropecuária e a agroindústria também foram atingidas pelas turbulências da COVID-19, bem como o mercado de trabalho associado a essas atividades. Mas as dinâmicas desses impactos foram distintas, sobretudo, quando se considera o gênero do trabalhador: enquanto as mulheres perderam vagas na agroindústria (mais fortemente do que os homens); na agropecuária, a população feminina ocupada cresceu, enquanto a masculina se contraiu.

AGROPECUÁRIA: POPULAÇÃO OCUPADA FEMININA EM ALTA

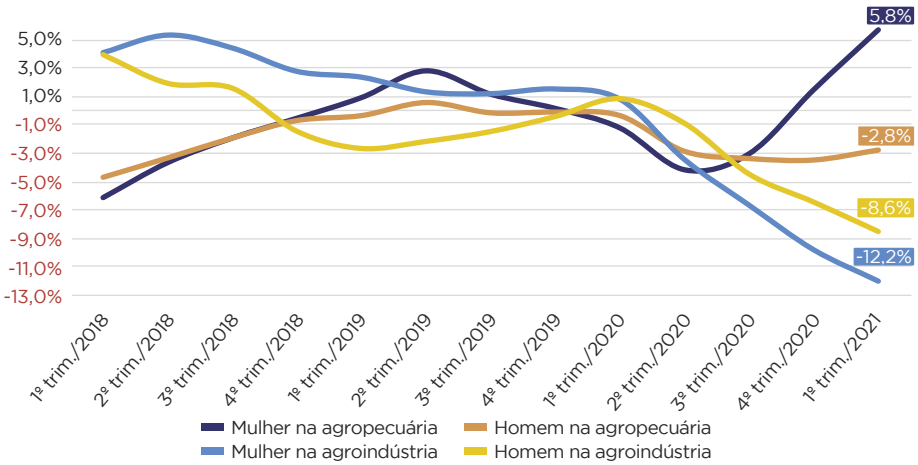
De acordo com as estimativas do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) por meio de microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE, as atividades agropecuárias ocuparam, em média, 8,4 milhões pessoas entre o segundo trimestre de 2020 e o primeiro trimestre deste ano. Isso representa uma queda de 1,1% frente ao período imediatamente anterior (antes de a COVID-19 chegar ao País), ou seja, um ritmo bastante similar àquele observado antes da pandemia, reforçando a percepção de que esse setor passou praticamente ileso por ela.

Contudo, a população feminina ocupada na agropecuária teve um desempenho melhor do que o da masculina, de forma que, no nos últimos quatro trimestres, acumulou uma expansão de 5,8%. O número de postos de trabalho ocupados por homens, por sua vez, retraiu 2,8%. A dinâmica favorável das mulheres na agropecuária deve-se, sobretudo, à agricultura, que



SHUTTERSTOCK

BRASIL: POPULAÇÃO OCUPADA NA AGROPECUÁRIA E NA AGROINDÚSTRIA POR GÊNERO
(VARIAÇÃO ACUMULADA EM QUATRO TRIMESTRES)



Fonte: IBGE; elaboração: FGV Agro

registrou uma expansão de 7,3% nas vagas. No entanto, a pecuária também teve um papel positivo, uma vez que também registrou alta, apesar de mais modesta (2,7%).

AGROINDÚSTRIA: POPULAÇÃO OCUPADA FEMININA EM QUEDA

Também de acordo com o FGV Agro, a agroindústria ocupou, em média, 4,6 milhões de pessoas entre o segundo trimestre de 2020 e o primeiro trimestre deste ano. Comparando aos quatro trimestres imediatamente anteriores, as vagas agroindustriais acumularam uma expressiva queda de 10,1% – bem mais intensa do que a contração na agropecuária. Essas dinâmicas distintas refletem os efeitos mais duros da pandemia na agroindústria comparativamente às atividades "dentro da porteira".

A população feminina registrou uma contração de 12,2%, pior do que o apresentado pelos homens (-8,6%). Antes de a pandemia afetar o País, os postos de trabalho ocupados por mulheres na agroindústria vinham crescendo, enquanto os ocupados por homens estavam, de modo geral, em uma tendência de queda. Logo, fica evidente que as turbulências causadas pela COVID-19 impactaram de forma mais intensa o mercado de trabalho agroindustrial feminino frente ao masculino. Além disso, é importante ressaltar que a contração dos postos de trabalho entre as mulheres na agroindústria ficou concentrada no segmento de produtos não alimentícios (80,5% dos postos de trabalho perdidos).

E A REMUNERAÇÃO MÉDIA?

Em média, as mulheres recebem uma remuneração menor do que a dos homens tanto na agropecuária, como na agroindústria. Porém, é relevante salientar que o diferencial de remuneração média não é sinônimo de discriminação de gênero, já que é possível que uma maior proporção de mulheres esteja alocada em atividades que pagam uma remuneração média menor – isso não quer dizer que, dentro dessa atividade, um homem receba um salário maior do que uma mulher tendo a mesma função e qualificação.

Desta forma, em média, entre o segundo trimestre de 2020 e o primeiro trimestre deste ano: enquanto, nas atividades agropecuárias, a remuneração feminina foi 76% do rendimento dos homens; na agroindústria, foi 65%. Portanto, a diferença entre as remunerações de homens e mulheres é sensivelmente menor nas atividades dentro da porteira.

Apesar disso, a remuneração média recebida pelas mulheres vem crescendo e, no caso da agroindústria, em uma intensidade maior do que a dos homens. No acumulado dos últimos quatro trimestres, enquanto as mulheres do setor agroindustrial tiveram uma expansão real em sua remuneração de 10,1%, o crescimento do rendimento masculino foi de apenas 4,2%. Vale lembrar que essa dinâmica de expansão mais forte na remuneração feminina ocorre desde o terceiro trimestre de 2020.

Nas atividades agropecuárias, o rendimento médio das mulheres também vem em alta desde o segundo semestre de 2020, mas em um ritmo mais modesto e bem similar ao dos homens. Para exemplificar, no primeiro trimestre de deste ano, enquanto a remuneração das mulheres acumulou uma alta de 2,5%, a dos homens foi de 3,4%.

Como se vê, torna-se notório o fato de que a pandemia atingiu o mercado de trabalho feminino no agro de formas distintas. Na agropecuária, o número de mulheres ocupadas cresceu, bem como a média de suas remunerações. Em contrapartida, os postos de trabalho femininos da agroindústria contraíram fortemente ao mesmo tempo em que a remuneração média paga expandiu-se de forma intensa, o que sugere que as mulheres que estão se mantendo nesse segmento podem estar ocupando atividades com maiores remunerações, elevando, assim, sua média. ■

1 Mestre em Economia Agrícola pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EESP) e pesquisadora do FGV Agro – roberta.possamai@fgv.br

2 Doutor em Economia pela FGV-EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br